

## CONCEITO DE CULTURA

Essa é a primeira ficha que nós projetamos para a primeira aula que nós devemos dar e em que nós vamos dar uma noção, mesmo simples, do problema da cultura ao grupo operário.

Quando nós projetamos uma ficha dessas, nós não vamos propriamente falar sobre a ficha, perguntamos ao grupo que está diante de nós:

- O que é que há ali?
- O que é que vemos?

Então, é claro, todo mundo diz que há um homem, uma casa, um pé de pau, e não uma árvore, uma cacimba, um montículo, - "passo" de um modo geral dizem "passo" - e um "poico", ou também - "poiquinho".

Então, logo depois que eles descrevem isso, eu pergunto: "O que é que significará, o que significarão essas linhas - aqui, essas setas, prendendo o homem, ligando o homem a essas - coisas que estão aí, e a esses seres que estão aí?"

Uma mulher, disse o seguinte: "Que essas setas representavam a "ciência do homem". Uma resposta altamente inteligente, porque é exatamente a consciência aqui, quer dizer, era a capacidade de perceber que o homem teria e tem de perceber esse - mundo objetivo, esse mundo exterior, os elementos que estão no seu contexto.

Nessa altura, depois que eles chegam mais ou menos ao que é que nós pretendemos significar com aquelas setas, que é, exatamente: o homem é um ser que se relaciona com o seu mundo, com o seu contexto e que, faz relações com esse contexto, começamos então a preparar para as fichas posteriores, que mostrarão as seleções que o homem trava com o seu mundo, resultando um - acrescentamento qualquer que lhe faz deste mundo. Então eu aproveito e começo a dar uma certa explicação, mas provocando sempre o debate em torno dessa possibilidade de relações e começo a dar uma certa explicação, mas provocando sempre o debate em torno dessa possibilidade de relações e começo a discutir, inclusive, ou a falar, desde o homem, em criança, infante, no berço, e isto bem rapidamente, e vou tocando; isso são coisas que fazem - parte da experiência, mesmo deles, porque eles têm filhos ou irmãs em casa.

O menino no berço, o menino já acompanhado com os olhos, assim, um ruído que se faz perto dêle - o menino depois e desenvolvendo a sua capacidade de pegar as coisas; o menino mordendo depois a borracha ou outra coisa qualquer que êle pega, o menino fazendo o tal "besourinho", que não é outra coisa senão uma experimentação que o homem faz para falar - sem aquêle "besourinho", evidentemente, o homem não chegaria a falar, até que êle depois já fica sentadinho no berço e, depois que êle sai do berço começa a engatinhar, então êle começa a aumentar o mundo dêle.

Antes, o mundo dêle era aquêle mundo do berço, agora - já é o mundo do chão, do quarto, da sala, seja lá o que fôr, de casa grande ou casa pequena, mocambo ou não êle já engatinha. Depois êle fica de pé, começa a perceber o que se diz a êle, se bem que ainda não possa se expressar, mas já entende o que se diz, já começa a entender quando êle fica de pé, então, o mundo dêle cresce, fica maior, êle já atravessa os quartos, a sala, já vai até a calçada, desenvolve a linguagem, se comunica, se expressa com mais facilidade e à medida que êle vai crescendo o mundo dêle também vai crescendo. Chega depois a idade em que êle vai para a escola, e antes da escola êle já está na rua, que é um mundo maior. Criou o seu mundo de influente sôbre êle, depois - êle chega a escola e êsse mundo cresce. Êle vai ter contáto com outros meninos, de outras casas, de outros hábitos, na escola - também amplia êste mundo, vai crescendo, até que, depois, um dia, êle descobre que, nêsse mundo onde êle está e com o qual êle também está, há uma série de coisas que êle não fêz e há uma série de coisas que êle encontrou feitas. E que foram feitas exatamente pelos homens pelas pessoas que vieram antes dêle. E êle descobre, também, que êle recebe essas coisas que êle não fêz, mas que o homem mesmo fêz, quer dizer, os homens que passaram antes dêle - fizeram, e êle então é capaz de usar as coisas que êle encontrou feitas e é capaz, inclusive, de também mudar, alterar e modificar essas coisas.

Quando a gente explica isto, e que, inclusive, pergunta e pede se há algum que queira dar um exeplo dêle também, então a gente imediatamente, lança, agora, uma pergunta fundamental: "O que é que aqui, nêste quadro que está aí projetado, terá sido feito pelo homem? - E o que é que não terá sido feito pelo homem?" Então, a coisa também é muito óbvia. Todos êles, até hoje, sem falhar, é claro, respondem, imediatamente, houve um, de espírito um tanto brincalhão que disse o seguinte: "Eu estou vendo aí feito pelo homem, a cacimba e a casa. E feito pelo homem, também, êste homem que está aí".

Agora, evidentemente, quando disse isso, êle estava - rindo, e depois disse que "o que não foi feito pelo homem é o monte, aí, o pé de pau, o "passo" e a "bacorinha". Então, quando êles definem o que foi feito pelo homem e o que não foi feito pelo homem, facilmente a gente explica que, nós temos dois pedaços diferentes que constituem o mundo da gente, o mundo em que o homem está.

Um pedaço dêsse mundo, o que não foi feito pelo homem é exatamente o que a gente chama o mundo da natureza. E o outro pedaço, que está sendo feito, modificado pelo homem, é o pedaço que a gente chama de mundo da cultura. E êste mundo da cultura, então, tem exatamente essas criações que o homem faz, que a gente vai chamar de objetos de cultura.

(Nêste ponto há uma interrogação sôbre o uso da expressão "objetos de cultura". O Prof. Paulo Freire responde que usa assim mesmo.) Fiz isso p'ra saber até onde é que era instrumental o conceito nosso, o mundo nosso, lançado agora no mundo de analfabetos. Se houvesse não uma pura memorização disso, mas se houvesse uma aplicação disto, dêsse conceito, depois na análise de outras situações, então não havia dúvida alguma que o povo havia apreendido o conceito e estaria instrumentalizando e aplicando êsse conceito.

E o que a gente está aprovando nas experiências é que, realmente, êles apreendem êsse conceito e usam êsse conceito, depois. E sabem o que estão dizendo e, portanto, não será um privilégio nosso apenas saber o que é objeto de cultura. Inclusive com essa expressão, é claro, para nós quando a gente fala em uma sala dessas de "objeto de cultura" há imediatamente uma reação muito mais intelectual.

Então, no outro mundo nós estaríamos exatamente com entes da natureza. Evidentemente não interessa a nós, numa análise desta, chegar pròpriamente a fazer, pormenorizadamente, - uma dissecação do que nós poderíamos chamar, aqui, para vocês, das conotações dêsses conceitos, aí, também, era demais. Basta, porém, darmos um conceito dentro de determinada situação, perceptível pelo homem, para que, depois, êle seja capaz de entender em sua ação tôda e instrumentalizar.

Depois desta ficha analisada assim, em que a gente já distingue os dois mundos, eu passo para a segunda ficha: "A do índio". Mas, vejam bem, isto é sobretudo, com debate. Projeta da a ficha, pergunta-se o seguinte: "O que é aí, que ente da natureza e o que aí que é objeto de cultura?" Então, as respostas, respostas sistemáticas que têm sido dadas são exatamente as se-

guintes: "Objeto de cultura: a fleca, o arco e a vestimento do índio; e ente de natureza, o índio e o pássaro.

Então, depois que êles definem isto, nós levamos a discussão, à essa atitude que o índio está tendo aí, que é exatamente uma atitude de caçador. E, também, discutimos e mostramos ao grupo, que foi exatamente, na medida em que o primeiro - homem, muito anterior a nós descobriu que êle podia caçar, que êle podia abater a sua prêsa, que êle podia se defender da força física do animal, físicamente mais forte do que êle, que podia fazer essas coisas sem precisar chegar juntinho do pássaro que êle ia pegar, do animal que êle ia abater, do leão de quem ia se defender.

Mas, na medida em que descobriu que êle poderia alongar os braços dêle e alongar êsses braços, criando e inventando um instrumento de defesa, de ataque e de caça, que foi exatamente a sua arma primitiva (o arco e a flecha), na medida em que o homem fêz isto, na medida em que êle descobriu, também, que, para preservar-se do frio, da chuva, da força da natureza, da agressão natural, êle devia se cobrir das peles do animal que êle mesmo já abatera com êste alongamento do braço que êle fez e que êle podia também se abrigar do frio e da chuva, cavando nas pedras a sua própria habitação, então êle fêz cultura.

E aí, mais uma vêz, chega-se a êsse conceito que em parte poderia ser chamado conceito antropológico de cultura e vai enfatizando esta questão ou êste ângulo. Poderíamos ter aí outra ficha em que nós projetássemos um ou dois versos de um poeta. Versos que fazemos, como diz o Prof. Rocha Lima, engajados na nossa realidade. Pode-se fazer uma ficha ou mesmo um "slide" para mostrar que nêsse sentido de criação humana, de acrescentamento que o homem faz ao seu mundo, tanto é cultura - aquela flexa, aquêle arco que alí estão, como também cultura são aquêles versos, um belo quadro que são manifestações, criação do espírito humano.

Tanto é cultura o arco, o tacape do índio, a rêde com que o índio pegava o peixe, como, também, é cultura o quadro de um grande artista, como, também, a música de um grande criador ou um poema bom ou mau. Seriam, então, criações humanas, e, portanto, manifestações culturais.

Ficha 3 - Depois que viu esta ficha, um cidadão já experiente de cultura, disse a nós, antes que nós falássemos, que aí nós tínhamos, como objeto de cultura, aquêle quarto que está alí sugerido, que era um quarto exatamente de uma casa. E, como ente da natureza, o gato e o rato. Então, eu perguntei o que é

que esse gato fazia, e todos êles acharam graça e disseram que o gato estava pegando, caçando o rato. Sem muita análise. Neste quadro, aí, apenas êles caracterizaram o gato caçando o rato, nós passamos imediatamente, para outra ficha.

Ficha 4 - Perguntamos o que é que está aí? Então chegam todos êles e dizem que agora há um homem realmente caçando também, com uma espingarda que representaria exatamente a criação cultural atirando num coelhinho. Nessa ficha aí, houve uma coisa interessante: uma das vezes que ela foi projetada, é que o grupo fez por si mesmo uma análise, distinguindo, já percebendo a diferença de estágio entre aquele primeiro caçador com flecha e este segundo caçador com espingarda. " - E agora aí, é um caçador, de novo, mais já adiantado, com uma espingarda. Não é mais com arco, não é mais com a flecha."

Então aproveitamos a oportunidade para falar aqui, ligeiramente, sobre a tecnologia que vai exatamente dinamizando - cada vez mais a vida social. A aplicação já aí agora de um estágio superior em que o homem através daquela experiência primeira, foi aperfeiçoando-se no conhecimento do seu mundo, na superação dos problemas das dificuldades do seu mundo, desenvolvendo exatamente uma técnica que é uma ciência aplicada.

Pode-se discutir então muito isso aí a respeito desse desenvolvimento que o homem atinge. Há uma intenção também aí, com relação a êsses caçadores todos que nós mostramos. O caçador índio, o caçador gato e esse caçador, um homem também, com relação aos animais caçados. Tanto quanto nós possamos, na discussão, vamos levar o grupo a distinguir, a perceber certas diferenças que há. Primeiro, a diferença desses dois homens, o índio e o homem agora civilizado, a fundamental diferença já está anotada com relação ao problema de desenvolvimento da etapa em que o homem primeiro está caçando com o arco e uma flecha e este já com instrumento que revela um aumento tecnológico da sociedade.

Agora é interessante anotar certas diferenças que há, fundamentais, entre o caçador homem e o caçador gato. Vamos levar por exemplo, com certa habilidade, com um jogo de discussão, o grupo a perceber que enquanto o gato caça o rato e o rato para o gato é uma mera presa, aquele coelhinho para este homem - não é apenas uma presa mas é também um coelho. Essa é uma distinção altamente filosófica mas pode ser dada e nós temos dado.

E essa distinção vai exatamente nos levar a provar, - por exemplo que o homem se distingue completamente do gato, porque êle é capaz de saber reconhecer que êle é um ser que tem -

uma existência, uma vida diferente da vida de outros seres. Para vocês aqui, eu diria que o que há exatamente para demonstrar a diferença dos dois, é que o homem é capaz de reconhecer diferenças ou órbitas existenciais diferentes, enquanto o gato não é capaz de fazer isto. Para o gato aquele rato é só mesmo uma presa que ele vai tentar pegar. Para o homem, não. O coelho é um coelho, é a presa. Ele sabe que o coelho é diferente dele, e ele faz isso precisamente por que tem uma capacidade espiritual e de que resulta exatamente a sua capacidade criadora.

Se vocês dessem uma explicação dessa a um grupo de analfabetos ou mesmo de alfabetizados e até a um grupo de meninos de ginásio, possivelmente eles não iriam perceber. É claro, porque isso até quando a gente discute com Universitários a gente sente certa dificuldade de se perceber logo este aspecto de diferenciação de órbitas existenciais de que o homem é capaz.

Mas é possível levar o grupo a exatamente descobrir diferenças, características entre o gato e o homem. Diferenças, de que vocês podem mais uma vez, partir para novamente fixar a capacidade criadora do homem. Quer dizer, o homem em todos os tempos vem apnhando as suas presas, de formas diferentes. Ele tem a capacidade de fazer uma estratégia que ele varia de acordo com as situações, enquanto o gato pega rato desde que existe. Aliás, um dia, um sujeito disse a mim: "nas lá em casa, tem um gato amigo de um rato..."

Mas, a intenção nossa é levar o grupo a ele distinguir a diferença de comportamento entre os dois, o homem e o gato.

#### Ficha 5

O nosso papel aqui, não foi exatamente o de fazermos nada por vocês. Foi o de dizermos o que nós fazemos, para que vocês façam então dentro das circunstâncias próprias de vocês. Vocês que bolem a solução. O que eu queria, o que pretendemos é exatamente mostrar que cultura, não é só criação física, não é só fazer o arco, mas que a cultura estaria envolvendo o que nós chamamos de padrões de comportamento. O objetivo é contrastar os padrões de comportamento

Ficha 6 - Quando a gente pergunta o que está aí? o sujeito diz que é pedra mesmo. Diz que a pedra é da natureza, diz que o escôpo e o martelo são objetos de escultura e têm uns que chegam muito pormenorizadamente a falar nos sapatos do sujeito, na roupa, etc.. E houve até um que falou no verbo trabalhar, no sentido transitivo! "Está trabalhando a pedra"!! Foi uma resposta que muito me impressionou. Então eu pergunto: o que é que o sujeito está fazendo aí? E foi exatamente a partir desta pergunta que um deles me deu esta resposta que até ho

je me impressionou, que foi de usar um verbo transitivo - "Ele está trabalhando a pedra. Uma construção por sinal muito elegante".

Então nós perguntamos: pode sair daí, dêste trabalho, algum objeto de cultura? Então as respostas eram altamente inteligentes, mas tôdas elas vinculadas à experiência existencial. Nenhum dêles respondeu nunca que dali sairia uma estátua. Mas todos êles respondiam em função da sua experiência existencial. Nunca eu esqueço que um disse: - "Dali êle pode tirar um objeto de cultura. Êle pode quebrar aquela pedra tôdinha, faz pó, depois êle faz cimento, mistura com não sei o que lá e faz o piso e ainda pinta, com êste aqui, e apontou para o chão, e aí então êle fêz objeto de cultura".

As respostas eram sempre em função da experiência - mais terra a terra, que o homem tinha e como é natural que seja.

Ficha 7 - Depois das respostas, dos debates todos - que a gente faz em tôrno disto, então a gente projeta a última ficha, em que aparece, agora, já a estátua feita.

Vocês se lembram que, no início, contei que houve - um cidadão que disse - naquela primeira ficha tinha uma "estautua" - e o outro protestou que não, que ali era um homem vivo. Êste mesmo grupo foi acompanhando o desenrolar das fichas, quando chegou aí, o sujeito que tinha protestado disse: "- Ah! agora sim, isto é uma estautua". Quer dizer que êle reconheceu - exatamente.

Então eu perguntei o seguinte: SE agora esta figura que está projetada aí era do mundo da cultura, ou do mundo da natureza, e todos responderam que era do mundo da cultura. Disseram, antes era a pedra, era da natureza.

Perguntei, então, e antes? "- Não, antes era do mundo da natureza." - Por que a pedra não é, agora, da natureza? - "- Porque o homem trabalhou nela e outros trabalhou nela." Aproveitei e disse que era exatamente isso, o homem pegava a matéria da natureza dava uma forma a esta matéria, impregnava esta forma, impregnava eu estou dizendo para vocês, levava esta forma, dava mesmo à esta forma a marca dêle, quer dizer, o seu trabalho criador, e a mais uma vez o homem estaria fazendo cultura, estaria criando.

Terminando êste debate com estas fichas, em que fixamos o conceito, então eu acho que seria o suficiente para um grupo de operários. Isto poderia ser feito numa aula. Quando acaba isto então vai a parte terminal nesta aula sem ficha que é uma conversa bem rápida em que o educador diz o seguinte: Ago

ra meus amigos, cultura não é só também o que o homem faz, não é só o resultado da criação do homem da capacidade de criar seja - uma coisa material seja uma coisa espiritual, como a música de - que eu falei, cu poema, etc.

Cultura também é, a aquisição da experiência humana. Como é que nós podemos adquirir assim em caráter permanente e em caráter crescente a experiência humana? - Aprendendo a ler e aprendendo a escrever. E o Brasil meus amigos, não pode continuar com o número enorme de brasileiros, e aí a gente diz o número logo, 48 a 50% da população. A população é de 75 milhões de habitantes aproximadamente, então nós temos 35 milhões de brasileiros irmãos nossos que não lêem e nem escrevem. Ora, então, - nós precisamos resolver este problema do Brasil como em Angicos e no país todo. Nós precisamos então acabar com esta história - do homem brasileiro não lê nem escrever, e através da escrita e da leitura dar ao homem brasileiro a possibilidade dele adquirir cultura. É isto que nós vamos começar a fazer aqui quando nós vamos, com este cineminha, começar rapidamente a aprender a lêr e a escrever e vocês estarão inclusive ajudando a nós todos provamos ao Brasil, que é possível aprender a lêr e a escrever - mais depressa, assim.

E para, acende a luz, desliga o negócio, o que a gente pode fazer agora também, e discute, e pode conversar ainda - com o grupo. Vocês observem então que é possível fazer isto, ora melhor, ora menos melhor, para velar a um grupo de analfabetos - estes instrumentos que são instrumentos do nosso universo, universitários, mas que são também, instrumentais entre nós quando são instrumentais entre eles, e no desenvolver do curso vocês - vão observar, se vocês voltarem a analisar este conjunto, vocês vão encontrar a resposta exata.

Agora, Aurenice, vai mostrar a vocês uma série de experiências feitas já no campo de alfabetização.

Aurenice: - A projeção dessa ficha constitui a motivação da aula, partirão então, vocês, para a segunda etapa que é a descrição oral da ficha. O professor perguntará à classe: que vemos nesta ficha? Possivelmente, como se trata de uma turma de analfabetos eles responderão: Um homem, uma casa, um monte de sal, vão respondendo assim, denominando apenas o que vêem, através de substantivos. Cabe ao professor neste momento fazer pergunta para que eles construam as sentenças e vão expressando o - pensamento, vão organizando sentenças. Então poderá perguntar o

que estão fazendo êsses homem? e esperará que a turma pense, re-  
flita e responda. Eles responderão em seguida: "estão traba-  
lhando" ou "estão puzando sal" - uma série de sentenças pode-  
rá surgir. Depois, porque êstes homens estão trabalkhando? ou  
então, para que êles estão fazendo êste tipo de serviço?

E assim, com as perguntas, o professor vai encaminhan-  
do a descrição oral e à medida que as fichas nas aulas subsequen-  
tes vão sendo substituídas, vocês vão notando que há muito mais  
facilidade e sem que às vêzes nem o professor faça as perguntas,  
êles já são capazes de fazer descrição através de sentenças mais  
longas e mais completas.

Depois de feita a descrição oral da ficha, passará o  
professor então para a parte das associações. Aqui nesta ficha  
então eu quero a colaboração de vocês. Façamos de conta que um  
de vocês está dando aula. Se vocês estivessem dando aula, como  
fariam na parte de associação? à realidade brasileira, à proble-  
mática brasileira, à moral ou a qualquer outro assunto que esta  
ficha dêsse oportunidade para ser estudado. Como vocês fariam  
a pergunta? Que situação vocês aproveitariam ali, para consci-  
entizar esta classe que vocês estariam alfabetizando? Como vo-  
cês agiriam? Vocês tiveram uma série de aulas de economia, acêr-  
ca de cultura e aí esta ficha forne um material bastante amplo,  
para associar a qualquer deste estudo.

(APARTE) - Poderíamos falar sôbre a importância do -  
sal e descrever a formação de uma salina, de modo que êles tives-  
sem conhecimento sôbre o assunto.

Mas como se faria para conseguir isto? Para você  
- analisar ou enfatizar a economia, aí nesta ficha você precisa -  
orientar o raciocínio da classe, porque se você disser, você -  
não está fazendo a classe raciocinar. A classe não induzirá, en-  
tão para que a classe siga um raciocínio lógico é preciso que  
você faça alguma coisa porque êles ficarão, provavelmente cala-  
dos.

(APARTE) - Professora, nós poderíamos começar dizen-  
do - Bem êste sal, todinho, o povo desta terra não vai consumir,  
logo, com o que sobrerá o que é que se vai fazer ou com o que  
sobrar o que é que êles vão fazer?

- Sim, vocês podem levantar a primeira situação, que  
o sal não é consumido pela população tôda, então você não di-  
ria para onde vai a segunda parte. Você perguntaria à classe :  
- E para onde irá esta parte restante do sal? - Deixando então  
que a classe raciocinasse, concluísse e desse alguma resposta.

Nesse momento, vocês estabeleceriam diálogo com a classe. Nunca informem. Lançam as perguntas e deixem que a classe raciocine. Dialoguem assim através dessas perguntas, orientando o raciocínio, informando alguma coisa que vocês vejam que é inteiramente impossível eles saibam, mas sem concluir antes deles, deixando que eles concluam por si mesmos. Você lembrou muito bem a parte do sal ser vendido ou fornecido para outra região. Vamos ver então, daí por diante, como nós poderíamos proceder.

As vezes a gente não dá muita importância às perguntas, mas isso facilita imensamente o trabalho de alfabetização. - Vocês devem, primeiramente, perguntar: - êste sal, daí, o que vocês fazem com êle?

Devem perguntar mesmo quando eles já tenham dito alguma coisa, continuem com as perguntas. Além disso estas perguntas, se vocês fazem à classe e se somente uma parte da classe responde. Depois poderiam falar até sobre a exportação do produto. Acho que vocês não devem ficar meia hora todinha associando esta parte e esquecendo o resto. Vocês doem a coisa, explorem assim o que a ficha tiver de mais importante e passem adiante.

Professôra, nós podemos perguntar como se processa a extração do sal?

- Sobre o trabalho de extração do sal, pode. Se eles trabalham com sal, isto é fácilimo, se não trabalham, eles podem dizer através de informações que eles têm de outras pessoas que com eles trabalham ou que eles conhecem. (Eu gostaria que cada um de vocês fizesse a pergunta um de cada vez). Não pode ser projetada uma ficha que tenha uma palavra que seja do vocabulário deles. Daí eu ter falado ontem a vocês a importância da não preocupação com esta cartilha, porque eles é que vão formular sua própria cartilha. Bem após esta parte vocês passarão para esta segunda associação que será a associação ao vocábulo. Então eu chamo à atenção para a palavra salina. Quando eles fizeram a descrição, eles compuzeram toda a ficha. Descreveram fazendo uma composição, quer dizer, viram a ação representada na ficha. E então falou-se na salina que aí seria exatamente o trabalho da extração do sal, como era feito êste trabalho, etc.

Nôste momento vocês falam novamente na salina. Podemos perguntar quantas divisões nós temos aqui e então poderiam até contar, uma, duas, três, etc., A professôra iria contando aqui e eles iriam contando simultâneamente. Poderiam formar uma dezena e aí vocês dariam uma noção de dezena e poderiam associar outros objetos, dando a noção de dezena também.

Seria uma parte boa para associar também a matemática e associar finalmente a palavra salina. Todos pronunciariam muitas vezes aquela palavra. Vamos então pronunciar a palavra salina. Vocês mandariam que todos repetissem. O que um lado da classe repetisse também, isto é, para visualizar a palavra para eles reterem a palavra.

Uma vez visualizada, vocês vão chamar atenção para a divisão, a decomposição da palavra salina. Vamos vêr de quantas vezes nós abrimos a boca para dizer a palavra salina. Eles responderão: três vezes.

Vamos ver o primeiro pedaço da palavra salina, eles então dirão - SA. Vamos ver o segundo pedaço da palavra salina. Vamos ver o terceiro pedaço da palavra salina. Cada pedaço desta palavra chama-se sílaba. Vamos ver então a primeira sílaba da palavra salina; eles dirão: SA; vamos ver a segunda sílaba da palavra salina; eles dirão: LI; e a terceira sílaba da palavra salina, eles dirão: NA. Depois de chegar a este ponto, vamos projetar a outra ficha.

Será projetada então, atora, a primeira família, que será a família do SA. Então será uma ficha de SA SE SI SO SU. Vocês aí já estão na decomposição da sílaba, chegando à letra. Qual a sílaba que forma a palavra SALINA? - eles vão dizer: a primeira e vocês apontarão aqui. Vamos ver agora as outras combinações que nós podemos formar com o primeiro pedacinho da palavra salina. Então verão SA. Vocês chamarão a atenção para a letra, a mesma letra. Se alguém tiver dificuldade de gravar, vocês podem associar a qualquer técnica mnemônica! Podem lembrar a forma da cobra e fazer SA SE SI SO SU. Eles já sabiam as vogais de modo que seria fácil agora identificar a primeira letra que seria o S, que seria a letra da forma da cobra e o A que eles já conheciam.

Vocês projetariam a segunda ficha, que seria a do LA LE LI LO LU, usando a mesma técnica. - Qual a sílaba que forma a palavra salina? Então já não seria a primeira, seria a terceira LA LE LI.

O professor apontaria na ficha e faria a leitura com toda a classe porém uma leitura que não fosse muito depressa, LA LE LI LO LU, depois vocês projetariam a terceira ficha, que seria a família do N, e perguntariam qual a sílaba que completava a palavra salina. Eles veriam que seria a primeira sílaba, a colocada em primeiro lugar. Fariam também a leitura do NA NE NI - NO NU.

Depois vocês projetariam uma quarta ficha com toda a família - SARE SI SO SU; LA LE LILIO LU; NA NE NI NO NU, fariam a leitura, inclusive poderiam fazer leitura várias vezes, começando da primeira até a última, a segunda e a terceira, começando da terceira à segunda da segunda à primeira ou invertendo, fazendo como um jogo de leitura. Depois desta ficha é que vocês desligariam o projetor e fariam a escrita.

- Estas letras usadas seriam de imprensa?

Ela defende o ponto de ser letra de imprensa, conjuntamente com manuscrita, mas o Dr. Paulo acha que seria interessante uma de cada vez.

- Paulo Friere - As experiências têm sido feitas assim:

- Você lembra que estamos fazendo experiência portante devem experimentar novos processos.

Ela não sentia isto, depois a gente sente assim um rendimento maior quando se faz. Por ex., a gente poderia decompor a palavra povo desta maneira: - Colocar em dois pedaços - PO à VO. Então eles gravariam PO VO, aqueles dois pedaços da palavra. Mas se escrevo assim, povo, em baixo já repito visualmente para eles este primeiro pedaço - PO. Então eles vão dizendo, o de cima é PO, o de baixo só pode ser VO.

Vão tendo assim o aspecto visual da letra, à disposição do que eu quero falar, porque vão fixando melhor, porque poderiam gravar o PO somente lá em cima, da mesma maneira aqui POVO. Então eu repito, aqui é - VO. Eles vem, aqui é VO, aqui é igual a foto. Então é uma segunda vez - que eles vão fixar e não simplesmente o pedaço uma vez só da narrativa.

APARTE - É uma oportunidade de eles lerem a palavra várias vezes?

- Eu fazia lá também. Que é que está faltando aqui nesta palavra - de baixo para ficar igual a de lá de cima. Então diziam PO. Quer dizer a gente via como eles fixavam visualmente assim a mesma sílaba. A mesma - coisa se eu tapasse com a mão este pedaço PO, perguntava qual o pedaço - que falta para completar a palavra POVO e eles diziam que era PO. Estas - são uma série de exercício que a gente faz na hora e que a gente vê com a experiência que dá ótimos resultados.

- Eu gostei muito dessa, pelo seguinte, nem sempre nós podemos ir projetando cada dia uma ficha diferente. Vocês se lembram de uma coisa: Em educação principalmente em aprendizagem uma coisa importante acima: só há a aprendizagem. quando

há reconhecimento. Se não houve reconhecimento, não houve aprendizagem. Então uma das vezes, vocês não precisarão projetar uma ficha, vocês farão uma aula somente de exercício de jogos, revisão, para que eles identifiquem, reconheçam aqueles fonemas to-dinhos que eles não aprenderam, que joguem com palavras novas.

É necessário somente exercícios. Necessas mesmo teve a oportunidade de dar aula assim. Sem projetar nenhuma ficha nova, somente fazendo exercícios. Isto é muito importante. A gente não perde com isto, porque nas últimas fichas a gente quase nem faz exercícios por que eles mesmos levam para casa as palavras e fazem os exercícios nos próprios cadernos.

No início eles precisam realmente deste exercício, neste sentido aí, por exemplo, eu fazia lá assim: depois de dividir as palavras FO-VO, VO-TA, duas palavras assim então, eu colocava as três sílabas destas duas palavras. Eram três sílabas novas que eles tinham aquela noite, então eu perguntava para eles oralmente. Eu queria que eles fizessem combinações, eu mostrava a palavra decomposta, por exemplo: VO-TO. Aquela palavra de cima, como é / que se forma? Uma palavra se forma juntamente os pedaços, então tem um pedaço da outra, a gente junta e faz outra palavra, então eles diziam: Bem, aquela palavra lá de cima, eu chamava às vezes, assim à parede onde era projetada e eles diziam assim: este pedaço aqui é aquele dali, o outro é este. Eles reconheciam assim os problemas de composição das palavras, ia facilitando cada vez mais.

Depois desta eu pedia para eles formarem palavras com estas três sílabas, com estes três pedaços, eles compunham palavras oralmente, faziam FO-TO, TO-FO, etc. Só então iam gravando também pedaços das palavras que nós dávamos. Só oralmente eles faziam isto.

Eu pedia para eles trazerem nos cadernos, projetava aquelas palavras que eles traziam, somente com estas duas palavras. Daí eles traziam cinco palavras, quatro. Eu fazia antes a composição de novas palavras somente com aqueles pedaços, continuando as sílabas VOTO e FOVO. Então eu ia dizendo para eles verem: TOPO, TOVO, BATO, e outras palavras algumas das quais nem sequer existiam e ia pedindo depois para eles identificarem.

Não adianta muito porque quando eles estiverem lendo não adianta a gente fazer assim uma alfabetização puramente maquinal sem que eles entendam o significado. Já a partir daqui desta relação, destas palavras, combinadas com aquelas palavras nós podíamos exercitar um meio seguinte de compreensão.

Eu pegava uma palavra como VOTO E perguntava para êses o que era isto. Eles diziam que eram um becho que ficava nas paredes, que picava a gente, etc. Quando chegava numa palavra assim sem entender e o outro dizia: "As vêzes eu vou andando e topo"./ Eu dizia: Então esta palavra existe.

Quando eu chegava, nesta aqui, êles diziam: esta eu não sei não, eu também não sei. O que quer dizer. A gente aqui só tem o meio de formar a palavra quer dizer vocês estão vendo que com um pedaço de um pedaço de outro a gente forma as palavras. Mas às vêzes estas palavras não existem, quer dizer a gente não diz estas palavras quando fala com os outros. No próximo exercício eu já fazia isto, pedia que no caderno, trouxessem dessa relação apenas palavras que existam realmente.

Nós pedíamos que êles escrevessem as palavras que êles conheciam, em outro exercício de leitura e outro exercício de saber. Realmente qual era as outras palavras que êles conheciam, uma série de coisas assim que eu acho que vocês não devem se preocupar porque a gente só descobre na hora. O sujeito está com uma dificuldade e fica atrapalhado mas depois descobre nisto um meio diferente. Faz mímicas, tem que ser assim, pois a vontade de alfabetizar deve ser maior do que qualquer outra coisa e de que qualquer problema de ordem pedagógica mesmo.

Aurenice - Vocês de início estavam sentindo um pouco de dificuldade de dar aulas, vocês estão vendo aqui Niceas que é um estudante de Medicina, que não tinha nenhuma experiência pedagógica, nenhum conhecimento metodológico do ponto de vista mesmo didático e no entanto êle tem essa sensibilidade de aproveitar estas oportunidades melindrosas mesmo que aparecem mas que são importantíssimas porque vocês não pensem que alfabetizar não é somente chegar lá, projetar de maneira geral, fazer a classe ler.

Vocês ouvem assim de maneira geral a classe ler e tem um, dois, três, quatro ou mais que ficam calados ou falam mais baixo ou não dizem juntamente com os outros e quando a gente vê a classe assim falando pensa que todos falam, que todos disseram.

É preciso ter espírito de observação para ver quem foi que leu, como se, de que maneira se, se leu certo e aproveitar tôdas estas oportunidades que aparecem que são bôbas mas que na realidade são muito importantes, como fez agora e mostrou o Niceas. Quer dizer vocês estão vendo assim, em vivo o que êle disse pela experiência que teve e vocês podem embora sem ter um conhecimento, um basamento tão grande ou mesmo pedagógico, fazer a mesma coisa e conseguir muita coisa.

Paulo Freire - Eu queria fazer uma consideração a respeito deste



A diferença entretanto é exatamente esta. O aprendizado da leitura e da escrita não pode partir da unidade mínima que é a letra. O aprendizado vai partir exatamente do todo e não da parte menor que é a letra.

Aurenice. - Vai explicar a vocês que mesmo quando eles pretendam ter um conhecimento destas letras e já chegaram a fixar palavras que foram até apresentadas numa situação sociológica, que foram jogadas no diálogo e que aparecem em sentenças, e que portanto são um todo. Depois que eles fixaram a palavra, o fonema, a sílaba então eles já podem ter a idéia da letra. O importante é que eles façam a percepção do todo e não da parte.

Aurenice - Eu já disse que nós partíamos do todo obedecendo aqueles princípios os científicos de secretismo, falei até na percepção no ponto de vista fisiológico, não foi? Eu até disse que a/ erro do método da escola tradicional era exatamente este. A partir da parte mínima, não era do todo mas era de uma parte do todo, quer dizer não obedecia a nenhum desses contrariava todas as leis e havia por isto interesse nenhum. Eu quero que vocês me expliquem o que significa uma letra? qual o valor de uma letra?  
APARTE - Professora a senhora já teve experiências com adultos?

Eu não fiz experiências com adultos. Fiz experiências com crianças, estou acompanhando a experiência de adultos da escola de Química em Recife, foi iniciada a umas duas semanas atrás e estou sentindo que o aproveitamento é mais rápido que na escola primária.

Niceas - Eu quero dar a minha contribuição nesse sentido sem considerar este aspecto que você falou e que entendi. Mas o que ouvi foi o seguinte: quando realmente a gente parte assim não do mínimo que é a letra. É muito mais importante ele ler uma palavra assim que ele gosta, por exemplo que a gente colhe o universo vocabular, como foi colhido aí em Angicos. O pessoal de lá fala muito em belota que é o enfeite da chibata deles.

Logo no primeiro dia ele sabe ler belota e inclusive a gente faz assim: mostra o desenho da chibata com o enfeite, diz: "olhem, o que é isto"?

"Eles respondem isto daí é a chibata, e isto aqui é a belota". Dizemos "olhem, isto que vocês chamam de belota que é isto aqui que está pintado de encarnado se escreve assim". Ele sai muito mais satisfeito para casa do que se tivesse saído da aula e aprendido que a primeira letra da palavra belota era um b.

Outra coisa, quando uma pessoa se intrometia na aula, e sabia somente o abc ou tinha aprendido algumas letras e começava a soletrar demorava mais do que você partir da sílaba SA e de-

pois dizer Sa é formado de suas letras e S é o A, mas estava pos-  
to isto. Isto eu fiz no concreto, no que eu vivi. Na experiência o  
efeito foi muito maior realmente, quer dizer uma pessoa que vinha  
assim com conhecimento de letras e que ia tentar soletrar demora-  
va muito mais.

APARTE - Quer dizer que a gente deve evitar que os alunos tenham  
começo de alfabetização.

Não é propriamente evitar, é dizer para eles não se pre-  
ocuparem com letras dizendo no depois enuncie as letras.

APARTE - Professor como é que a gente explica a eles?

Paulo Freire - Eu vou dar uma resposta que eu dáva em Recife /  
quando eu trabalhava em reuniões com pais proletários p. re. escla-  
recê-los a respeito disto mesmo. Depois de eu tentar explicar es-  
ta coisa com critério científico e a coisa ficou difícil de ser  
compreendida então eu arranjei uma solução para este negócio de  
por que a gente não começa alfabetizar pelas letras e sim pela/  
palavra, pela sentença.

A resposta que eu dei a eles e que me parece que fe-  
chou a questão foi a seguinte: "Meus amigos vocês todos aqui pre-  
sente, vocês falam, nenhum de vocês nasceu falando, todos vocês/  
aprenderam a falar como nós, quer dizer é um processo de aprendi-  
sado de desenvolvimento normal. Eu pergunto se alguma de vocês a-  
qui presente ou se algum filho de vocês começou a falar dizendo:  
j, dizendo a, n, ou começou a falar dizendo mamã, papá, uero/  
água, tenho fome.

"Como é que a gente começa a falar? enunciando exata-  
mente assim, inclusive as peculiaridades rescentes de psicologia afir-  
mam precisamente isto, é que quando a criança diz simplesmente  
mamã, a criança está fazendo afirmações ou está explicitando sen-  
tenças que se chamam palavras monossilábicas .

São sentenças representadas numa só palavra, por se  
está faltando a criança ainda a riqueza vocabular p. re. escrever  
exatamente aquilo que ela quer dizer mamã ou quero comer. Inelu-  
sivo as próprias palavras das crianças são sentenças já.

O processo normal de um homem falar é um processo ge-  
ral, o homem começa falando tudo mesmo. Ora, se é assim que a /  
gente aprende a falar, se é assim que a gente desenvolve a comu-  
nicção, como é possível que a gente depois que fala possa aprend-  
er a escrever e a ler através da unidade pela qual agente já -  
mais começou a falar.

APARTE - Professor er levantei a questão pela seguinte: O senhor  
sabe que isto é experiência nova, o método é acosturado pelo mé-  
todo antigo, quer dizer a curiosidade natural do aluno num caso como

ésta é perguntar o por que.

Ela concorda com você que éle faz esta pergunta, quando esta pergunta surgir, então a resposta que vocês têm que dar é esta mesma. A própria experiencia d'êle é que vai levá-lo a se convencer que aprende melhor a partir do povo, a partir do voto e não a partir do P e do O.

Aurénice - Er in falar exatamente o que Nicetas já tinha antecipado, ver dizer a letra em si não tem significado nenhum. Para êles um L, um R, um N, não representa coisa alguma, pois é uma coisa muito abstrata, não tem conteúdo de uma coisa que êles possam perceber. Agora, se disser por exemplo escada, sapato, casa, aí tem significado para êles, porque quando eles ouvem sapato, êles não vem um sapato branco nem um sapato amarelo, mas a idéia que êles têm é de sapato.

APARTE - Professora, eu tenho conhecido pessoas inteligentes, pessoas do interior que têm deixado de aprender a ler por isto, por conta da monotonia do ensino.

Isto é muito importante, vocês não enfatizem muito o problema, a letra não é tão importante por ue se êles souberem tôdas as sílabas êles serão capazes de formar sentenças, de fazer até uma pequena composição, é só saberem as vogais e conhecerem bem aquelas sílabas, elas juntam e formando palavras novas. Eles poderão por exemplo formar com as palavras que Nicetas projetou aí: povo e voto. Poderão dizer: povo, voto, poto, etc, ouer dizer já farão novas sentenças com uma palavra que eles conhecem.

Por exemplo com as sílabas que êles conhecem, com o A, que êles conhecem, com Maria, elas então formarão sentenças: A Maria vê o sapato. Vão assim jogando com as outras sílabas, formando outras palavras e vão compondo cada vez mais sentenças maiores, mais longas. Conhecendo as sílabas sem conhecerem a letra em si êles são capazes de ler até jornal sem especificar se um B, equilo é um V.

Agora nós chegamos a última fase que foi justamente a pergunta daquela menina. Ela perguntou se não conhecia a letra. Chega, é a última fase. Portanto, nós fazemos a decomposição e juntamos o P com o A, com o E, com o I, com o O, com o U. Vocês podem até destacar e escrever mesmo o P, sózinho, aí elas conhecem a letra, conhecem na outra sílaba o V etc.

Isso entretanto, não pode ter importância, o que é de maior importância é a composição, a decomposição e depois a composição de novas palavras com aquele jogo de sílabas, ouer dizer uma vez e depois a curiosidade d'êles de conhecerem a letra aí

se torna quase sua função. Eles não vão ler letras, eles vão ler sílabas.

ABRTE - Professora, se um aluno por exemplo disser que se chama Paulo e quero fazer a minha letra, como é então que a gente diz? Você diz: Seu nome é Pedro, então você escreve o seu nome Paulo, a gente só até escrever no quadro. Pode fazer até uma ficha na hora e entregar para ele copiar no caderno, contendo que ele tinha o nome completo e a letra.

No levantamento vocabular que foi feito em Angicos, verificamos ali uma verdadeira riqueza de palavras e uma riqueza de sentenças, de frases de sentido muitas vezes muito poético. Nós podemos portanto aproveitar estas sentenças que estão aí registradas no levantamento vocabular e fazer fichas com estas sentenças, que guardarão então a própria experiência existencial de este grupo.

De maneira que nós vamos fazer projeção de "slides" com testes escritos que foram inclusive ditados por eles. Isto é importante porque eles mantem prazer em se identificarem inclusive naqueles trechos que eles vão ler, que são deles.